

Paulo Toledo Machado Filho <ptmachadof@uol.com.br>

- Médico psiquiatra
- Psicoterapeuta junguiano especializado em técnicas de abordagem corporal
- Mestre em Antropologia Social - USP
- Docente e coordenador do curso Jung & Corpo
- Docente do curso Cinesiologia Psicológica

Sándor, 20 Anos Depois

Palestra proferida em 28/04/2012, como parte do evento realizado pelo Núcleo "O Corpo na Psicologia", do curso de graduação em psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP, em parceria com o CID (Centro de Integração e Desenvolvimento), em homenagem aos 20 anos da morte de Pethö Sándor.



Compareço a este evento representando o curso de especialização Jung & Corpo, Formação em Psicologia Analítica e Abordagem Corporal, do Instituto Sedes Sapientiae, que é uma das sementes plantadas pelo prof. Sándor. O nosso mestre, até então docente da Faculdade de Psicologia da PUC, de São Paulo, veio para o Instituto Sedes em 1981, a convite de sua fundadora, Madre Cristina Sodré Dória, quando então este curso chamava-se Terapia Psicomotora. Tendo vindo como professor convidado, a sua influência foi muito importante e o curso recebeu um incentivo muito grande com sua pessoa, passando a chamar-se posteriormente de Psicoterapia de Orientação Junguiana Coligada a Técnicas Corporais. Sándor criou, logo em seguida, o curso de Cinesiologia Psicológica, que passou a acolher aqueles alunos que já tinham completado o curso de especialização e desejavam prosseguir próximos a ele e aprofundar seus conhecimentos, evidenciando o sucesso que foi sua presença no Instituto Sedes. Há alguns anos, após o seu falecimento, o nosso curso de especialização passou a denominar-se Jung & Corpo, nome referencial como tornou-se conhecido, e há quatro anos é reconhecido pelo Conselho Federal de Psicologia, o que para nós significa também o reconhecimento do trabalho que ele iniciou.

Mas completam-se, neste ano, duas décadas do falecimento de Pethö Sándor. Momento oportuno para compartilharmos nossas recordações sobre sua saudosa pessoa e também para procedermos a algumas reflexões, avaliações e considerações sobre a psicologia que ele estimulou, passados estes vinte anos.

Neste período assinalado, aconteceram muitas mudanças no mundo, no pensamento e no comportamento coletivo. Período em que a tecnologia invadiu a vida de todos, penetrando decididamente em todos os setores da vida e influenciando a produção cultural e científica, aproximando as pessoas que vivem distante e isolando as pessoas que vivem próximas. Vivemos o efeito e sob o impacto de uma grande aceleração na circulação de mensagens, processo que iniciava-se quando Sándor ainda era vivo, e sobre o qual ele profeticamente comentava: "ainda estamos apenas ouvindo a afinação dos instrumentos".

Mas a época em que ele viveu, e particularmente o período correspondente ao terço final de sua vida, também foi um período de grandes transformações e rupturas de paradigmas. Eram os anos setenta, época de revoluções e grandes mudanças coletivas, quando o mundo após a Guerra do Vietnã era invadido por uma nova estética e muitas cores, a música tornava-se acústico/eletrônica, surgia a pílula anticoncepcional e modificava-se o comportamento e a relação entre o homem e a mulher, as mudanças sociais e políticas acuavam as instituições patriarcais, o ocidente encontrava-se com o oriente e o mundo começava a tornar-se uma aldeia. Uma outra importante mudança ocorria na época e foi muito significativa para todos nós: a relação com o corpo.

A psicologia, que nessa época ainda estruturava-se enquanto disciplina, mas que impunha-se no contexto das mudanças coletivas de maneira bastante efervescente, acolheu em São Paulo a duas eminentes personalidades que revelaram-se sensíveis a esta mudança na relação com o corpo: Gaiarsa e Sándor. O primeiro, mais extrovertido, seguia as pegadas revolucionárias de Reich, embora referisse-se a Jung como seu mestre espiritual, e Sándor, de atitude mais introvertida, contextualizava seus toques sutis junto à psicologia profunda de orientação junguiana e à relação entre mente e corpo. Sua maior influência, conforme vínhamos apontando, deu-se principalmente aqui na PUC, local onde o corpo introduziu-se na clínica e a abordagem corporal surgiu, através da Calatonia, como uma nova proposta, produzindo uma significativa mudança nos padrões até então estáveis das teorias psicológicas e da psicologia do comportamento. Era, conforme assinalemos, uma época de revoluções.

As aulas do Sándor inseriam-se nesse contexto, eram revolucionárias. Recordo-me que os alunos irradiavam uma inquietude positiva, proveniente de uma atmosfera muito especial e particular, certamente provocada pela experiência de

suas aulas e em consonância com os acontecimentos coletivos daquela época. O método (na realidade, o mestre não gostava que se falasse em metodologias com caráter redutivo ou quaisquer outras sistematizações mais rígidas, embora ele mesmo fosse bastante sistemático) que utilizava privilegiava simultaneamente a aquisição de conhecimentos e a experiência: as técnicas corporais eram vivenciadas pelos alunos e em outro momento estudava-se anatomia, fisiologia, as bases neurofisiológicas relacionadas com as técnicas corporais que foram vivenciadas, e fazia-se a leitura de Jung, de autores junguianos e de outros textos da área da psicossomática, que ele mesmo traduzia. Ao mesmo tempo que se tocava o corpo, estudava-se o efeito psicofísico dos toques, a fisiologia das emoções e o simbolismo das imagens emergentes, através do enfoque junguiano. Os alunos eram integralmente envolvidos por suas aulas e ingressavam num intenso processo de transformação pessoal, que hoje ainda tentamos sustentar, mas numa época caracterizada por outras configurações.

Mas sua grande contribuição, à par de toda a intensidade sobre como conduzia sua tarefa acadêmica, foi a Calatonia e os toques sutis. Apresentada por ele como tendo surgido em decorrência de suas vivências durante a Segunda Grande Guerra, quando perdeu seus pais de maneira trágica e também sua primeira esposa, teria se desenvolvido como recurso possível para o alívio da dor e sofrimento de pacientes gravemente feridos e estressados como consequência dos acontecimentos da guerra. E também produto de um pacto que teria feito, quando da tragédia vivida por seus pais, de oferecer sua vida a serviço da humanidade. Deste modo, tendo embarcado para o Brasil após uma longa vivência em campo de refugiados da guerra, fomos contemplados em nosso país pela presença de sua pessoa, pela Calatonia que por aqui se espalhou e por sua inesgotável criatividade.

A contribuição do Sándor veio muito mais em razão de seu próprio trabalho e da influência que este produziu em seus discípulos, não tendo deixado muita coisa escrita, inclusive sobre a Calatonia. Acerca desta, que no entanto já motivou outros estudos acadêmicos, livros e algumas teses, escreveu dois artigos no pequeno livro Técnicas de Relaxamento (SÁNDOR, 1974), de sua coordenação. Com estilo bastante conciso e objetivo, Sándor define a expressão Calatonia como querendo dizer "tônus descontraído, solto", e deixa-nos na sequência um pequeno mistério a decifrar: "mas não somente do ponto de vista estático e muscular". Encontramos provavelmente a chave indicativa para a resolução do enigma apontado na descrição etimológica da Calatonia, que no original grego, conforme Sándor, deriva do verbo khalaó, afirmando-nos que indica "relaxação", e também "alimentação", "afastar-se do estado de ira, fúria, violência", "abrir uma porta", "desatar as amarras de um odre", "deixar ir", "perdoar aos pais", "retirar todos os véus dos olhos" etc. Encontro relacionado com este etc. "o melhor", "o mais belo, bom" (J.A.C.T., 2010), mas deixo para explicar sobre este etc. em outro momento, detendo-me aqui nas indicações apontadas pelo mestre acerca do verbo grego.

Verificamos inicialmente "relaxação", relativo ao "tônus descontraído, solto", conforme apontado, e indicando a ideia de relaxamento, conforme o conhecimento comum que todos têm sobre o efeito da técnica e que se evidencia na própria leitura do texto. E logo em seguida aparece "e também alimentação". Como trata-se de uma técnica de relaxamento, a ideia de alimentação, que associamos com nutrição, surge de maneira curiosa e produz a questão: o que se alimenta? A imagem imediata que emerge é de nutrição do espírito, da psique. Outra associação que se pode fazer de nutrição é com a natureza feminina, relativo à função nutridora da mãe, ato generoso e de amor incondicional através da doação de sua própria substância ao ser criado; através da Calatonia expressa-se esta qualidade generosa, feminina, nutritiva, que dirige-se, no entanto, ao espírito. Tal qualidade também sugere a relação positiva que o mestre teve com a grande quantidade de alunas/terapeutas do sexo feminino que sorveram seus conhecimentos.

Na sequência, encontramos "afastar-se do estado de ira, fúria, violência". A associação imediata a ser feita é da própria origem atribuída à Calatonia, durante a Segunda Grande Guerra, e de sua própria experiência pessoal a que já referimos, quando teve que lidar com perdas de forma dramática e elaborar seus próprios fantasmas; encontramos neste significado a proposta de transformação de atitude, configurando-se na Calatonia também o estabelecimento da paz interior a quem se afasta da condição ensandecida de violência ou fúria. Mas os toques, nesta referência, servem e apontam também em direção à homeostase, o equilíbrio neurovegetativo que o corpo acometido pelo estresse procura.

Logo em seguida aparece "abrir uma porta", ou seja, o mesmo que "atravessar um portal", o que significa ainda entrar em contato com outro estado de consciência, ideias que correspondem à experiência de uma iniciação. A imagem sugerida por esta referência é muito profunda, e nos remete à observação da Calatonia como processo terapêutico, implicando no desencadeamento de uma transmutação do estado de consciência, expressão que Sándor gostava de utilizar para apontar mudanças psíquicas que ocorrem de dentro para fora. Evidentemente, mudanças profundas, como as que acontecem nos ritos iniciáticos. Abrir uma porta é também abrir os olhos (ou a consciência) para uma outra realidade, o que também é representativo de um outro olhar. Ou simplesmente "ver".

O significado seguinte do verbo khalaó, "desatar as amarras de um odre", também sugere inúmeros entendimentos, a começar do próprio odre, que enquanto saco de pele que armazena líquido, evidentemente indica o corpo: desatar as amarras de um odre é desatar as amarras que prendem o corpo, expressar-se livremente através do corpo, corpo que é dado a fluxos, que precisa fluir livremente. Fluxo que diz respeito igualmente às emoções, que sempre tiveram este caráter. Quando estas estão presas, o corpo permanece amarrado; corpo e emoções que se desprendem quando as pontas dos dedos das mãos sutilmente encostam nas pontas dos dedos dos pés. Quando as emoções trazem consigo calor, burburinhos abdominais, palpitações, transpiração, o mestre falava em comutações neurovegetativas.

Posteriormente encontramos "deixar ir", o que indica soltar, liberar, não reter, seguir o próprio caminho. É a própria expressão do caminho livre, da liberdade que se conquista. Nos caminhos do corpo, era permitido explorar todas as possibilidades, "desde que se soubesse o que está fazendo". Deixar ir com responsabilidade. O mitólogo Campbell falava em seguir o seu próprio mito, ou seja, seguir a sua felicidade; assim, deixar ir também é permitir seguir o caminho da própria alma. E a liberdade do existir que o corpo procura.

Encontramos em seguida "perdoar aos pais": um novo pacto com a linhagem parental. Aquela da qual, para podermos crescer, temos que nos diferenciar, mas que, quando maduros e tornando-nos igualmente pais, colocando-nos no lugar que estes ocuparam, vem a necessidade do perdão, sem o qual não integramos a função do novo papel. Através do perdão nosso coração torna-se mais leve e nossa vontade afirma-se de maneira mais profunda.

Finalmente, o étimo khalaó indica ainda "retirar todos os véus dos olhos"; intrigante significado, o derivativo do verbo não poderia ter sido mais feliz. "Retirar todos os véus" é abrir os olhos para as fronteiras do conhecimento, para a compreensão profunda, é a indicação da própria gnose, o conhecimento interior do conhecimento, o que se desvela quando a consciência se ilumina. Deixar entrar a luz.

A coerção do texto e do discurso exige limites, justamente por sabermos que o trajeto associativo e ampliativo não tem fim. Mas entendemos um pouco mais sobre a Calatonia e sua amplitude: porque ela é tão importante para nós. Hoje, porém, vinte anos depois do Sándor, como nós a apresentamos para quem chega? Passados estes vinte anos, depois de termos sido bem nutridos e aquietados, de terem-se aberto as portas, de desatarem-se as amarras do odre, de termos encontrado nossos caminhos e perdoado aos pais, de todos (ou quase todos) os

véus terem sido retirados de nossos olhos, perguntamos: e agora?

O mundo está bem diferente: muitos muros foram derrubados, a onipotência patriarcal cedeu espaço ao polo feminino, as próprias polaridades redefiniram-se hoje em espectro de possibilidades e vivências, as informações e mensagens não são mais propriedade dos poderosos. A relação com os alunos também tornou-se mais horizontal, os seus corpos estão mais soltos e desnudos, embora desnudem-se, nas práticas, com maior dificuldade; os toques já não são mais tão catárticos, a intencionalidade operativa rege a sua vivência. Trazem-nos as questões: para que eles servem? Quando se aplicam? Pedimos para que se comentem as sensações, que hoje, no entanto, são reveladas pelos monitores dos aparelhos de neuroimagem nos coloridos azuis, amarelos ou ainda através do vermelho das emoções percorrendo os neurocircuitos: tornamo-nos demasiadamente cognitivistas e um pouco mais preguiçosos. Mesmo assim, neste mundo em transformação, resistimos à subjugação do sensível pelos poderes econômico e político debruçados nas redes sociais. E o corpo, que permanece horas estático em detrimento do cérebro funcionante, consegue, no entanto, dançar bem mais solto e movimentar-se nas academias. Apesar das amarras terem sido desatadas e de terem caído muitos véus, parece que continuamos necessitando muito da Calatonia.

Neste momento, sua prática continua nos consultórios e sua difusão prossegue, de modo discreto mas seguro e consistente; se não é mais tão impactante, certamente continua confortante. E o inconsciente perscrutado por suas imagens ainda é profundamente revelador, apesar do colorido dos monitores que expõem os neurocircuitos.

Nestes vinte anos sem o professor Sándor, aprendemos e compreendemos nossos papéis, tentando irradiar, cada um de nós, um pouco da luz que perpassava o cristal multifacetado que ele compunha. E a espalhar as vibrações que seus toques sutis produziram e continuam a produzir em nós. ■

Referências Bibliográficas

JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS. *Aprendendo Grego*. São Paulo: Odysseus, 2010.
SÁNDOR, P. *Técnicas de relaxamento*. São Paulo: Vetor, 1974.